

480

Manoel Tomaz de Assis

o BRASIL EM LÁGRIMAS
E MACEIÓ EM CHORO



TIP. SÃO JOSÉ

— Rua Solon de Lucena, 97 —

Patos — Pb.

1
MANOEL TOMAZ DE ASSIS

O Brasil em Lágrimas
e Maceló em Chôro

Em Outubro de 48
Apareceu no Nascente,
Um cometa com uma cauda
Girando para o Poente
No espaço horizontal
Eu disse: aquilo é um sinal
De castigo prá nossa gente

2
Logo em Novembro subiu
O preço da mercadoria
Milho, feijão e farinha
Se desfez em Carestia,
O inverno, esse tardou
Mas na hora que chegou
Credo em Cruz — Ave Maria!

Mesmo os homens de hoje
Só falam em gozarem as vidas
Mas estão achando entradas
E ficando sem saídas
Acabou-se a consciência
E a mão da Providência
Já tomando as medidas

Cafu no sul uma tromba
De chuvas torrenciais
Deu piza de tirar couro
No povo em Minas Gerais,
Atacou Juiz de Fora
Inda hoje o povo chora,
Dos prejuizos fatais

Atacou Juiz de Fora
E tangeu em busca do Sul
Onde água foi passando
O campo ficou azul
Escavando doudamente
Deixando turma de gente
Coberta a lama e paul

Pois no estrago de Minas
Se falava em redondeza
Quando vogou a noticia
Outra tromba em Fortaleza
Mil e oito casas caíram
Os habitantes se viram
No gume da incerteza

Não enchugou Fortaleza,
Cafu outra em Maceió
Cafu gente na arapuca
Que só preiá em quixó
Setenta horas de chuvas
Choravam órfãos e viúvas
Gente lá tomou cipó

O inverno começou
No dia segunda Feira,
Choveu terça, quarta e quinta
Arrochou sem brincadeira,
Rios, ribeiros e riachos
Botando casas abaixo
Carregando rua inteira

Com dois dias de inverno
Até o sino badalou,
Sem ninguém se encostar
Todo povo se assustou
Jesus lá do paraiso
Do céu mandou um castigo
Provando que castigou

Desabou um grande morro
Correu prá cima da rua,
Era as três da madrugada
Ficou triste, a lua,
Diversas ruas disertas
Ficaram as casas cobertas
Mas, a serra ficou nua

O povo não esperava
Que descesse aquele morro
Tinha gente que dizia
Me acabo, mas não corro
Esse ficou soterrado
Prédio e ele enterrado
Nem sequer pediu socorr

12
A tromba de Maceió
Desabou até os montes
Estourou encanamentos
E desabou muitas pontes
Que isolou a capital
Fez a desgraça geral
Estupindo ali as fontes

O prédio dum cidadão
Também ficou soterrado
Morreu ele e cinco filhas
E a esposa dum lado
Ficou diferente o clima
A casa caiu por cima
O povo comeu trancado.

Choveu setenta horas
De chuvas torrenciais
Ameaçou a igreja
E quase arromba o cais
E ameaçou o farol
Morreu gente do paiol
Os horrores são de mais

A água na praça pública
Cresceu dois metros e meio
Deixando a velha cidade
Num deserto triste e feio
Que o povo não se esquece
O jornal diz que parece
Escombros dum bombardeio

3
Na quarta-feira a noite
Ninguém suportava o choro
O urro naquela praça
Foi como um curral de touro
Chorava velho e criança
Recordava-me à lembrança
Do ditado eu quero é o couro

Com vinte e oito estudantes
Um colégio desabou
Na rua de Jaguará
O que tinha se acabou
Quem almejava o futuro
Ou no claro ou no escuro
Sem destino viajou

A capital Maceió
Foi cruelmente atacada
Pois choveu setenta horas
Intensa carga cerrada
Ali o sino badalou
Sem ninguém pegar tocou
A capital foi castigada.

Quando a chuva começou
Logo o mundo escureceu
Calou-se a difusora
Todo o povo entristeceu
Chovendo noite e dia
O manto negro cobria
Porque o sol se escondeu

O campo ficou sombrio
O ar ficou diferente
O Reginaldo crescendo
Com espantosa corrente
Caíndo casas de esteira
Era penosa a berreira
Feita por aquela gente

Cortou a linha de ferro
Acabou com a rodagem
Prédio de alto valor
Estendeu-se sôbre a margem
Deus a tudo é quem redime
Para castigar o crime
Tem quem faça espionagem

Faz pena ler os horrores
Passados em Alagôas
Nadavam os corpos mortos
Nas ondas como canôas
Depois do tempo estiado
O povo que estava enterrado
Tiraram muitas pessoas

Pegando a clã da alegria
Rua nova e ponta grossa
A enchente agarrou tudo
E foi levando na troça
O Reginaldo pegou
O que tinha arrevirou
Fez como porco na roça

Três navios estavam no porto
Foram obrigados a zarpar
Por causa da tempestade
O farol quiz desabar
Pois lá não é brincadeira
Morreu gente e fez esteira
De não se acreditar

Uma mãe com uma filha
Morreu ambas agarradas
Debaixo de uma casa
Acharam as duas pegadas
As pessoas que acharam
Tristemente lamentaram
Vendo as duas abraçadas

Os castigos estão sendo
Agora nas capitais
Deus vai mostrar ao povo
Que os escândalos são de mais
Agora está avizando
Depois manda devorando
Irmãos, netos, filhos e pais

O tempo está de castigo
E de Deus ninguém se esqueça
Família rica ilustrada
Ficou com as mãos na cabeça
Sem morada e sem dinheiro
Um castigo verdadeiro
É bom que o povo conheça

A chuva em Maceió
Engrossou de hora em hora
Um gritava, outro chorava
Valha-me Nossa Senhora
As águas todas brincando
E prédio grande desabando
Disse quem olhou de fóra

Falou-se nos prejuizos
De Minas e de Fortaleza
Mas esse de Maceió
Foi pavorosa a surpresa
Acabou com a orgia
Desmanchou a fidalguia
Ficou sòmente a tristeza

Acabou-se todas águas
Estourando encanamentos
Muita água e o povo com sêde
Por não ter saneamentos
Setenta horas choveu
Desta vez entristeceu
A face do firmamento

Morreram muitas pessôas
Nessas enchentes cruéis
Prejuizos calculados
Prá dez mil contos de réis
Tudo isto é contratempo
Já é chegado o tempo
Dos castigos de Moisés

4812

SMB